

Planejar não é operar software

Segundo o engenheiro civil e advogado, faltam cursos focados na construção civil e ainda se confunde operador de software de planejamento com planejador

MARCELO SCARDIROLI



ALDO DÓREA MATTOS

Engenheiro civil e advogado, com vasta experiência em orçamento, planejamento, gerenciamento de obras e administração contratual no Brasil, EUA, África do Sul, Moçambique, Peru, Espanha e Egito. Autor dos livros "Como Preparar Orçamentos de Obras" e do recém-lançado "Planejamento e Controle de Obras" (Editora PINI), além de dezenas de artigos técnicos.

O planejamento deve começar em que fase do empreendimento?

Quanto mais cedo, melhor! Quando o engenheiro começa a planejar, vão surgindo perguntas que ajudam a dirimir problemas futuros. Os ganhos provenientes de um bom planejamento são tanto maior quanto mais cedo ele for feito. Isso porque o planejamento ajuda a produção a dimensionar equipes e distribuir tarefas, e facilita a vida do suprimento ao gerar programações de compra mais realistas. É crucial que todas as áreas da obra participem das discussões sobre metodologia executiva, tipo de equipamento a ser empregado, grau de impacto das intempéries nas atividades etc.

No país do improviso, estamos a caminho de maior planejamento dentro do canteiro?

Durante muito tempo achava-se que planejamento era um assunto para "construtoras

grandes". Hoje, a figura é outra. A disseminação das técnicas de gestão parece ter dado frutos. A supervalorização do "tocador de obras", embora ainda exista, já não é tão alta como há 20 anos, quando o bom engenheiro de produção era o sujeito que sabia improvisar bem e resolver os problemas no campo na base da intuição e da experiência.

O que o engenheiro deve saber para dominar o planejamento e o controle de uma obra?

Primeiro, é preciso ter uma ideia clara do escopo do projeto, ou seja, o alcance do empreendimento. A partir daí, é preciso determinar uma duração realista para cada atividade, o que requer noção do que é produtividade e as causas que a governam. E, por fim, para que o planejamento seja lógico e exequível, é preciso que a sequência das atividades tenha sido bem definida, o que impõe ao engenheiro pensar previamente no plano de ataque da obra. Os fundamentos o engenheiro aprende na faculdade em disciplinas focadas em orçamento, planejamento e gestão. O que ele não pode é deixar por conta do software. É preciso ter em mente que um software apenas realiza cálculos e dá forma a um cronograma a partir de um arcabouço técnico que o planejador definiu previamente. No mercado, costuma-se confundir o operador de um programa de planejamento com um planejador. As coisas são distintas. Antes de se matricular em um curso de software de planejamento, mais vale que o engenheiro ou arquiteto procure dominar bem os fundamentos. Tendo noção plena do que é caminho crítico, folga e nivelamento de recursos, por exemplo, a função de planejar fica mais fácil.

Qual a importância da qualificação de engenheiros na área de planejamento e controle de obras?

As faculdades de engenharia, pela própria extensão do currículo, não submetem os alunos a muitas disciplinas de orçamento, planejamento e gestão. Esse pessoal sai relativamente verde e termina tendo de aprender na prática, o que é bom e ruim ao mesmo tempo. Bom porque a educação pelo trabalho ajuda a solidificar ensinamentos; e ruim porque muita gente aprende de forma errada. Os primeiros anos de formado não são para ganhar dinheiro, mas ganhar conhecimento. É a hora de se investir em aprendizado. Com planejamento de obras, é assim: o engenheiro recém-formado é contratado, ganha um capacete e vai preencher planilhas de controle que nem sempre têm utilidade gerencial. O problema é que não há tanta oferta no mercado de cursos de planejamento e gestão aplicados na construção civil. A maioria é focada em gestão de empresas.

Quais os principais erros observados no mercado?

Os cronogramas feitos apenas para cumprir um requisito contratual ou para fazer figura junto ao cliente. Também há empresas que fazem o planejamento no início da obra, mas não o atualizam. Planejamento sem controle não adianta nada. Pelo simples fato de ser um exercício de previsão, todo cronograma invariavelmente apresenta desvios na prática. Por fim, citaria a falta de registro das empresas. Produtividades efetivamente alcançadas em campo constituem uma informação preciosa para obras futuras. Tamanho de equipes, rendimento de equipamentos, dados pluviométricos, registros de diário de obras e cronogramas as-built representam uma fonte de dados relevante. Isso tudo faz parte do que se chama "lições aprendidas".

SILVANA MARIA ROSSO